

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十  
廿十廿三廿十  
天十廿三廿十  
天十廿三廿十

«Osiris tomb», «Month precinct (Karnak», etc.) ou por faraós-construtores (ex.: «Ramesses II, temple of (Abydos)», «Sahure», «Khufu (Cheops), pyramid of», «Sety I, temple at Abydos», etc.), 2) o destaque conferido às características estilísticas dos diferentes edifícios e 3) a referência directa aos vários materiais e métodos técnicos usados no antigo Egipto.

Uma nota final: para facilitar a rápida identificação dos verbetes que contém e a sua directa consulta orientada, o presente volume, da responsabilidade da The American University in Cairo Press, deveria incluir um index geral.

Ressalvadas os elementos essencialmente formais que criticámos, a enciclopédia de Dieter Arnold é um bom recurso para o estudo da arquitectura do antigo Egipto. Como se refere na badana de abertura da obra, com mais de 600 entradas e 300 ilustrações (todas a preto e branco) «the encyclopedia provides a comprehensive perspective on ancient Egyptian architecture». Trata-se, é preciso referi-lo, da mais notável arquitectura do mundo antigo. Isto por si só justifica esta aposta na tradução para inglês desta obra de 1994.

**José das Candeias Sales**

**ROGÉRIO FERREIRA DE SOUSA**, *Os doces versos. Poemas de amor no antigo Egipto*, Fafe, Labirinto, 2001, 220 pp., ISBN 972-8616-07-4

*Os doces versos. Poemas de amor no antigo Egipto*, da autoria de Rogério Ferreira de Sousa, licenciado em Psicologia e mestre em História da Cultura Pré-clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é, por vários motivos, um precioso contributo para a divulgação das temáticas egiptológicas junto dos leitores portugueses.

Ao traduzir para português e comentar aprofundadamente os «doces versos» egípcios, sustentado e fundamentado nos esclarecidos trabalhos de Siegfried Schott (*Les chants d'amour de L'Égypte ancienne*, Paris, Librairie A. Maisonneuve, 1956; trad. do original alemão), Miriam Lichteim (*Ancient Egyptian Literature. Vol. II. The New Kingdom*, Berkeley, Los Angeles, Londres, University of California, 1976), Pascal Vernus (*Chants d'amour de l'Égypte antique*, Paris, Imprimerie National Éditions, 1992) e Bernard Mathieu (*La poésie amoureuse de l'Égypte ancienne. Recherches sur en genre littéraire du Nouvel Empire*, Cairo, Institut français d'Archéologie Oriental, 1996), sem olvidar os trabalhos dos portugueses António Augusto

Tavares (*Civilizações Pré-Clássicas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995), Luís Manuel de Araújo (*Estudos sobre erotismo no antigo Egipto*, Lisboa, Edições Colibri, 1995) e José Nunes Carreira (*Cantigas de amor no Oriente antigo*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999), o presente trabalho transcende em muito a mera selecção e compilação antológica dos poemas líricos egípcios.

O tratamento do Autor assume uma feição ensaísta que é, ela própria, a demonstração inequívoca do seu conhecimento científico do tema e da sua maturidade intelectual na consideração do mesmo, para o que convocou, como se nota em várias passagens, a sua formação inicial em Psicologia e os seus estudos aprofundados de Egiptologia. Simultaneamente, fornece uma consistente e atraente reflexão, escrita em português, capaz de interessar «especialistas» e «não especialistas».

O título geral adoptado (*Os doces versos*) – paráfrase da denominação inicial genérica do terceiro ciclo dos poemas do *Papiro Chester Beatty I*: «Início dos *doces versos*, encontrados num cofre de manuscritos, que o escriba da necrópole Nakhtsobek compôs» – e o subtítulo indicado (*Poemas de amor no antigo Egipto*) são de uma absoluta propriedade, apresentando claramente o objecto da sua reflexão: a poesia amorosa no antigo Egipto.

Pena é, porém, que o trabalho de revisão editorial não tenha uniformizado convenientemente o título de capa com as referências das primeiras páginas de rosto e da ficha técnica.

Consciente de que a poesia de amor egípcia constituía «um género literário autónomo submetido a toda uma codificação temática e formal» (p. 205), específico e típico do Império Novo (nomeadamente das XIX e XX dinastias; sécs. XIII-XII a. C.), Rogério Ferreira de Sousa procede a uma inteligente arrumação do estudo que, formalmente, se capta, de imediato, na sóbria organização do Índice (pp. 17,18) e nas sugestões e perspectivas de análise e interrogação que estão subjacentes aos títulos e subtítulos dos capítulos que escolheu.

Assim, depois da Introdução (pp. 19-23), onde explicita as principais dimensões da sua explanação do tema, o Autor propõe, no capítulo I, uma útil contextualização histórica e cultural do nascimento do amor no antigo Egipto. Este primeiro capítulo (pp. 25-72) está, basicamente, organizado em torno de dois grande pólos: por um lado, a consideração das condições históricas e políticas concretas do Império Novo da história egípcia e, por outro, a contextualização dos poemas de amor em função das representações sobre os papéis sexuais e das práticas sociais que se desenvolviam em torno do casamento.

É, de facto, durante essa época de enorme opulência, esplendor, prosperidade e luxo que foi o Império Novo que se redigiram os poemas de amor egípcios. Momento ímpar da história egípcia antiga, que corresponde, como destaca o Autor, «à formulação, pela primeira vez no Egipto, de um estado imperial» (p. 27), foi marcado por uma assumida e contínua política de conquistas e pela consequente e incontornável abertura do Egipto ao exterior.

À hegemonia político-militar do Egipto no mundo oriental da época (recordemos que as fronteiras egípcias atingem zonas até então inusitadas, a Sul e a Noroeste) é preciso associar, a jusante, a série de casamentos diplomáticos que a nobreza e a realeza encetaram.

Consequências dos novos tempos que se vivem, sucedem-se também as magníficas realizações artísticas da arquitectura, escultura e literatura. Nesta última dimensão cultural, destacaram-se os hinos de louvor às divindades (ex.: o célebre hino a Aton) e, vertente que interessa particularmente ao Autor, os poemas de amor: «os poemas de amor são o retrato de uma sociedade que encontrou a vida na sua plenitude e que, na posse dos bens materiais, usufrui a vida e as delícias do amor, esse dom que os deuses acedem em emanar para os homens» (p. 33).

O crescente individualismo que caracterizou o Império Novo motivou novas formas de explorar e de expressar a interioridade humana e de sobre ela reflectir de forma subjectiva. A literatura lírica é, neste contexto, uma conquista do pensamento e da sensibilidade, embora sem perder por completo os seus elos de ligação com a dimensão sagrado-religiosa. Como advoga Rogério Ferreira de Sousa, «os sentimentos ganham, pela primeira vez, direito à expressão literária» (p. 36).

O Capítulo II, genericamente intitulado *Os doces versos* (pp. 73-167), é, no essencial, dedicado à apresentação dos documentos onde estão patentes os poemas de amor, a saber, o *Papiro Chester Beatty I*, o *Papiro Harris 500* (ou *Papiro do British Museum 10060*), o *Papiro de Turim 1996*, o Vaso de Deir el-Medina e os óstracos recolhidos na mesma povoação (CGT 57367, óstracos 1078 e 1079 e óstraco Gardiner 304), e à sua tradução.

Cada subcapítulo abre com a apresentação pormenorizada dos poemas de determinado documento, com os seus ciclos e estrofes constituintes e com a sua precisa linha dramática, que, a seguir, se apresentam traduzidos em português.

As traduções propostas, simples, claras e escorreitas, são, aqui e além, acompanhadas de notas explicativas e enquadradoras que reforçam a integral inteligibilidade das referências textuais.

É no Capítulo III, *O imaginário poético dos cânticos de amor* (pp. 169-202), que o Autor sintetiza os principais tópicos da sua leitura da poesia amorosa egípcia, efectuando a sua integração no âmbito da literatura egípcia (documentos literários com função mágica, literatura sapiencial e hinos de louvor), e realiza a análise detalhada do seu imaginário.

Elegendo como itens de tratamento o espaço (pp. 173-176) e o tempo amorosos (pp. 176-177), as etapas do percurso amoroso (pp. 178-185), a magia inerente aos poemas de amor (pp. 185-190), as divindades neles citadas directamente (pp. 190-193) e o papel neles conferido ao homem e à mulher (pp. 194-199), o Autor consegue um estudo suficientemente amplo, ao mesmo tempo que aprofundado, que contempla praticamente todos os vectores divergentes e convergentes no tipo de texto literário em causa.

Para a Conclusão (pp. 203-208), que antecede a Bibliografia (pp. 201-217), reservou Rogério Ferreira de Sousa, sucinta mas consistentemente, as grandes linhas conclusivas do seu ensaio. Permitimo-nos, pela sua importância, citar a sua frase final: «Estes poemas são, portanto, uma celebração do poder do amor, enquanto força que vem do Alto e que, vindo habitar no coração dos homens e das mulheres, os vem unir na celebração da vida que, em última análise, irá garantir a sua renovação» (p. 208).

Não queremos deixar de mencionar nesta recensão alguns aspectos, em nossa opinião, menos conseguidos na presente edição e que, facilmente, poderão ser corrigidos ou melhorados numa futura edição desta obra, aumentando ainda mais a qualidade e o rigor agora apresentados.

Começamos por uma referência directa às várias figuras (21, no total) que ilustram este trabalho. O critério editorial adoptado apostou em apresentá-las a par e a passo, sempre que tal era suscitado pelo texto principal, ou como «cortinas divisórias» das várias partes do livro apenas acompanhadas do número da figura (ex.: Fig. 4; Fig. 15, etc.), remetendo indicações complementares para o Índice de figuras que surge nas duas últimas páginas do volume (pp. 219 e 220), sem porém chamar atenção para a existência e localização desse índice.

Creemos que a legendagem junto das figuras se tornaria mais eficaz e cómoda para os leitores e ademais permitiria constatar que em 15 casos (72 % das figuras) se trata de «desenhos do autor», o que constitui um vector de apreço e de admiração pelas suas suplementares capacidades artísticas.

Além desta alteração radical de apresentação das figuras, pensamos que se justificava, nalguns casos, acrescentar o local de proveniência (ex.: Fig. 3, p. 25), a época de produção (ex.: Fig. 5, p. 43), a identificação dos personagens representados (ex.: Fig. 16, p. 131), o local de arquivo-exposição (ex.: Figs. 17, 18 e 19), o material de elaboração (ex.: Figs. 17, 18 e 19) ou o tipo de representação de que se trata (óstraco, pintura, escultura, baixo-relevo, etc. – ex.: Fig. 1, p. 7; Fig. 2, p. 19; Fig. 3, p. 25; Fig. 4, p. 39; Fig. 13, p. 73, etc.), sobretudo para o público menos familiarizado com os temas egíptológicos. Em relação às figuras, é preciso igualmente corrigir as indicações das pp. 46 e 65 que remetem para as figuras 16 e 15, quando deviam aludir às figuras 6 e 14, respectivamente.

No Índice deve ser ajustado o subtítulo relativo ao *Papiro Chester Beatty I*. A inclusão do numeral romano em falta, imprescindível porque há outros fragmentos deste papiro, permitirá, assim, a correcta ligação com as pp. 75, 79, 89 e 93. Da mesma forma, há que uniformizar a onomástica de «Montuhotep» (p. 29) com a de «Mentuhotep» da p. 59.

Subsistiram igualmente algumas arrelhadoras e dispensáveis grahas tipográficas que, no futuro, podem ser remediadas com significativo ganho para a edição. Aqui ficam algumas das mais evidentes que detectámos: «epístular» (p. 59), «amoreuse» (pp. 75 e 214), «entitulados» (p. 76), «bordeis» (p. 167), «quizermos» (p. 173), «extrato» (p. 193), «papeis» (p. 195), «litteraire» (p. 214), «na enemy» (p. 217) e «Tumés» (p. 219).

Estas alusões de carácter formal em nada desmerecem os relevantes contributos científicos do estudo, designadamente no panorama português, nem tampouco ensombram a qualidade e o nível da tradução e da interpretação propostas.

**José das Candeias Sales**

**ROBERT G. MORKOT**, *Historical Dictionary of Ancient Egyptian Warfare*, Lantham, Scarecrow Press, 2003, 336 pp., 35 mapas e várias ilustrações gráficas a preto e branco, ISBN 0-8108-4862-7.

Eis que há cerca de dois anos deu à estampa um dicionário subordinado à guerra no antigo Egipto. É obra que seguramente vem a colmatar uma lacuna que se fazia sentir principalmente entre aqueles que se interessam por temáticas bélicas da Antiguidade Pré-Clássica.